

VULNERABILIDADE DOS ADOLESCENTES DO IF SUDESTE MG – CAMPUS JUIZ DE FORA ÀS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (DSTs).

Vivian Teixeira Ferreira¹, Jefferson Vidal dos Santos², Adriano Reder de Carvalho³, João Paulo Lima de Miranda⁴

Resumo: Considerando a adolescência como o período de maiores riscos, na qual os jovens se expõem à gravidez indesejada e a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis-DSTs, o objetivo do presente trabalho foi detectar a vulnerabilidade dos alunos do ensino médio integrado do IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora através do conhecimento do universo sexualmente ativo, compreender a frequência do uso de preservativo e o conhecimento sobre DSTs. O presente trabalho é componente do projeto "Sexualidade e Saúde no IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora: Uma análise aprofundada do modo de agir e pensar dos discentes" e foi desenvolvido numa parceria entre os laboratórios de Biologia e Humanidades do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora, tendo sido realizado em junho de 2014, através da aplicação de um questionário aplicado em 18 turmas dos seis cursos técnicos integrados ao ensino médio do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora, no qual foram analisadas quatro questões: você já teve experiência sexual?; Qual a frequência do uso do preservativo?; Você conhece outra doença sexualmente transmissível (DST), além da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida-SIDA?; Cite as DST, com exceção da SIDA, que você conhece. O universo amostral foi composto por 436 discentes. A maior parte dos discentes, ou seja, 72% se declararam virgens, enquanto que 28% se declararam sexualmente ativos, dentre os quais, 84% afirmaram usar sempre ou frequentemente preservativo durante a prática sexual, enquanto que 6% utilizam raramente ou às vezes. As DSTs mais conhecidas entre os discentes com exceção da SIDA foram a sífilis, gonorreia, o herpes genital e o HPV. Contudo, 20% dos alunos não souberam apontar outras DSTs, sendo que esse percentual aumenta para os discentes do primeiro ano. Porém, apesar desses resultados, é preocupante, o percentual de alunos que conhecem apenas a SIDA, além daqueles alunos que não fazem uso frequente de preservativo, o que pode torná-los mais vulneráveis a gravidez na adolescência e à contração de uma das DSTs. É recomendável que a Instituição promova ações que permitam aos alunos um maior conhecimento sobre DSTs para minimizar os riscos citados.

Palavras-chave: Sexualidade, Adolescência e Risco.

- 1 Bolsista FAPEMIG IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora - ferreira.vivianteixeira@gmail.com
- 2 Bolsista FAPEMIG IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora - vidalsantospira@gmail.com
- 3 IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora - adriano.carvalho@ifsudestemg.edu.br
- 4 IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora - joaopaulo.miranda@ifsudestemg.edu.br

INTRODUÇÃO

A adolescência, de acordo com o artigo 2 do Estatuto da Criança e do Adolescente, é o período compreendido entre os 12 aos 18 anos, é reconhecida como uma fase relacionada a mudanças físicas, intelectuais e comportamentais (BRASIL, 2015). Entre essas mudanças emerge, com grande força, a questão da sexualidade, que, em virtude do risco da contração de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) ou mesmo da gravidez indesejada, tem despertado o interesse dos pesquisadores. Dessa forma, o binômio adolescência e sexualidade aparece como um problema de saúde pública, pois as adolescentes engravidam cada vez mais cedo, ocasionando desdobramentos pessoais e familiares graves. Por outro lado, os adolescentes, de maneira geral, se arriscam em relações desprotegidas, correndo o risco de contaminação pelas DSTs, principalmente a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) (SILVEIRA; SANTOS 2012).

Juntamente a essa explosão de alterações e descobertas vivenciadas nesta etapa da vida pelos jovens, surgem dúvidas a respeito do sexo, que competem desde aspectos mais simples àqueles mais complexos relacionados ao tema. Neste contexto, a vulnerabilidade é aflorada e pode gerar situações de natureza perene ou passageira, na qual o adolescente pode sofrer injúrias físicas, prejuízo ou ofensa (VILLAR, 2011). Além disso, essa exposição pode influenciar diretamente na contração de doenças venéreas, episódios de gravidez precoce e utilização de drogas lícitas ou ilícitas, que conduzem ao cenário de vulnerabilidade.

O componente individual da vulnerabilidade refere-se ao grau e à qualidade da informação que os indivíduos dispõem sobre o problema; à capacidade de elaborar essas informações e incorporá-las aos seus repertórios cotidianos de preocupações; e, finalmente, ao interesse, às possibilidades efetivas de transformar

essas preocupações em práticas protegidas e protetoras (MUÑOZ; BERTOLOZZI, 2007).

Neste contexto um dos possíveis motivos que originaram essa fragilidade, pode ser apontado como a ausência de diálogo em casa e na escola, evidenciando uma lacuna na conscientização de como prevenir uma gravidez e como praticar o sexo de forma segura, sem que gere risco a saúde do parceiro e a própria saúde. (BESERRA et al., 2008).

Outra hipótese que justifica a vulnerabilidade nos jovens é o fato da falta de informação precisa e coerente com a realidade, visto que os dias atuais são caracterizados por informações rápidas e com variações nas fontes, principalmente a partir do advento dos meios de comunicação eletrônicos (CAMARGO; BOTELHO, 2007; BRÊTAS, 2009). Por outro lado, outra corrente afirma que as informações são suficientes e de qualidade, porém não são capazes por si só promover uma mudança de atitude (BRASIL, 1997).

No Brasil, milhões de jovens são contaminados por DSTs, como a sífilis, gonorréia, cancro e a SIDA. Segundo dados da revista da comissão intergovernamental de HIV/AIDS do Mercosul (2015), o número de adolescentes contaminados pelo vírus da SIDA, durante o período de 2004 a 2013, cresceu 53,2% entre jovens de 15 a 19 anos.

O objetivo do presente trabalho foi apurar o conhecimento dos alunos dos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora sobre sexualidade e o quão vulneráveis são a respeito da prática sexual, através de uma compreensão acerca da frequência do uso de preservativo e do conhecimento sobre DSTs.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa contou como universo amostral e público alvo os alunos que

cursam o ensino médio na modalidade integrado do IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora, totalizando 436 participantes.

Aos estudantes foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para que os mesmos tivessem conhecimento dos objetivos a serem alcançados pelo estudo, a sua metodologia e o caráter sigiloso dos dados, com o intuito de que os mesmos concordassem em participar da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu em junho de 2014, quando 18 turmas, sendo 6 cursos nos três anos do ensino médio – Edificações, Eletromecânica, Eletrotécnica, Mecânica, Metalurgia e Informática – responderam ao questionário composto por 34 questões sobre informações gerais dos discentes e o modo de pensar/agir sobre sexualidade. No presente trabalho foram analisadas as respostas dos discentes a quatro perguntas: (1) você já teve experiência sexual?; (2) Qual a frequência do uso do preservativo?; (3) Você conhece outra doença sexualmente transmissível (DST), além da SIDA?; (4) Cite as DST, com exceção da SIDA, que você conhece.

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, sob o número 019942/2014.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Do universo amostral, 72% se declararam virgens, enquanto 22% já tiveram relação sexual (Figura 1). Esses valores são menores do que aqueles encontrados por Malta et al. (2011), que em estudo realizado nas escolas públicas das capitais brasileiras, com alunos do nono ano do ensino fundamental, observaram que mais de 35% dos discentes já entram no ensino fundamental sexualmente ativos, inclusive em Belo Horizonte e Rio de Janeiro, as capitais mais próximas de Juiz de Fora.

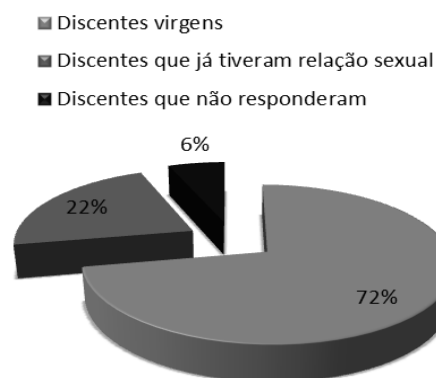


Figura 1 - Frequência de discentes, dos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora, em relação à prática sexual.

Dos estudantes sexualmente ativos, 84%, afirmaram usar sempre ou frequentemente preservativo durante a prática sexual, ou seja, praticaram o sexo seguro. Em contrapartida, apenas 6% dos discentes que responderam a pesquisa, pertencentes ao grupo de adolescentes sexualmente ativos, afirmaram utilizar preservativos apenas raramente ou às vezes (Figura 2). Contudo, 10% dos participantes, sexualmente ativos, não responderam a pergunta (Figura 2).

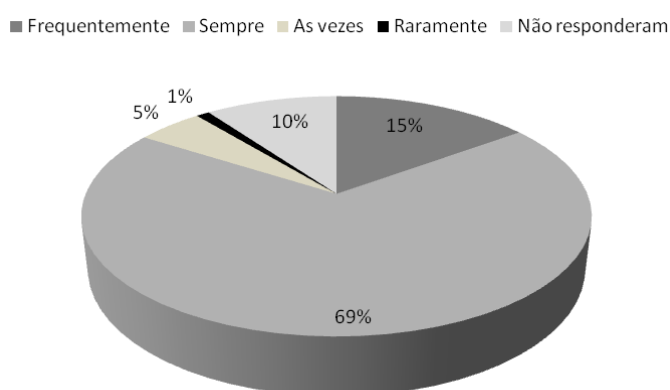


Figura 2- Frequência do uso de preservativo pelos discentes, sexualmente ativos, dos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora.

Este resultado representa uma maior conscientização dos jovens que cursam o ensino médio integrado, indicado pela frequência no uso de preservativos da maioria do universo amostral e sexualmente ativo.

Entretanto, o percentual de adolescentes que não fazem sexo seguro é significativo e extremamente preocupante, pois estão sujeitos a contraírem DSTs, ou até mesmo ter uma gravidez indesejada, podendo, compor um sugerido quadro de vulnerabilidade.

Esses resultados, quando comparado aos dados obtidos por Jardim e Santos (2012) numa escola pública de São Paulo, mostram que os estudantes do ensino médio do integrado do IF Sudeste MG - *Campus* Juiz de Fora, são mais informados quanto ao uso de preservativos durante as relações sexuais. Apesar do estudo realizado pelos citados autores ocorrer apenas com o sexo masculino, as variações apresentadas nos resultados entre as duas pesquisas, mostraram como lado positivo a consciência dos estudantes do *Campus* Juiz de Fora durante o ano de 2014, demonstrado pela frequência no uso de preservativo, e também por serem menores do que aqueles verificados nos estudos de Jardim e Santos (2012) e Malta et al. (2011).

Carleto et al. (2010) também pesquisaram a utilização de preservativos por adolescentes em escolas estaduais de Cuiabá, entre alunos de 10 a 19 anos. Dentre aqueles que já tinham vida sexualmente ativa, 41% afirmou usá-los sempre, percentual bastante inferior ao presente estudo.

Quanto ao conhecimento, entre os discentes do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, a respeito de DSTs, distintas a SIDA, 69%, 88% e 86%, respectivamente, afirmaram conhecer outras doenças sexualmente transmissíveis (Figura 3). Por outro lado, 26%, 10% e 12%, afirmaram não conhecer nenhuma outra DST (Figura 3).

Fato que merece destaque é a quantidade de alunos que não conhecem a doenças sexualmente transmissíveis, que diferem da SIDA, no primeiro ano, visto que é nesta etapa da vida que acontece a primeira relação sexual entre os adolescentes participantes do estudo, em média

aos 15 anos, mostrando um alto índice de vulnerabilidade nesta parcela de pesquisados, pois estão sujeitos ao contágio de doenças como a sífilis, gonorréia, herpes e outras (Figuras 3 e 4).

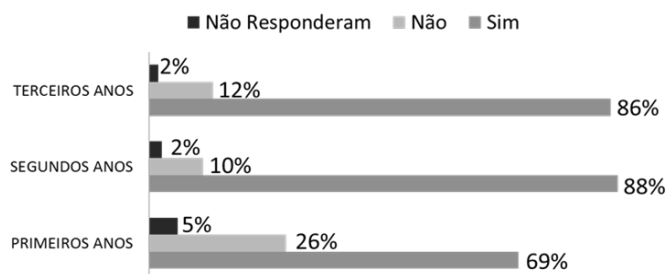


Figura 3 - Conhecimento dos discentes dos cursos técnicos integrados, por série, do IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora, sobre outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), além da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA).

Na mesma linha, quando foi solicitado aos participantes que enumerassem outras DSTs, com exceção da SIDA, foi citado doenças como a sífilis, a gonorréia, o herpes genital e o HPV, como as mais conhecidas entre eles (Figura 4). No entanto, alarmantes 20% dos pesquisados não souberam responder corretamente (Figura 4), evidenciando uma fragilidade na construção do conhecimento destes a respeito da gravidade do tema e a importância da prevenção em relação às DSTs, apontando também para a necessidade de um trabalho efetivo na escola quanto aos cuidados, sintomas entre outras informações.

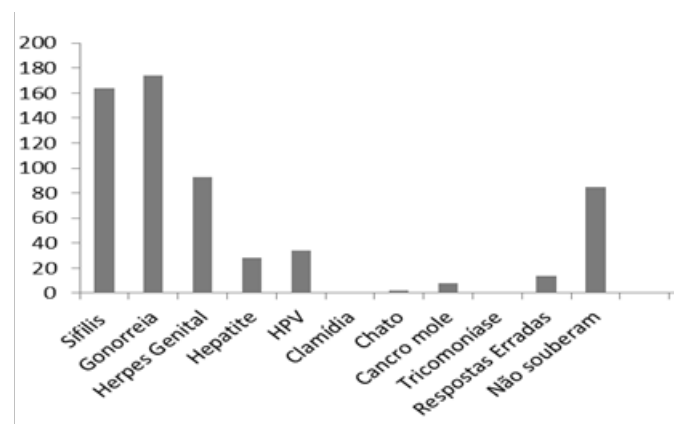


Figura 4 - Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), além da AIDS, conhecidas pelos discentes dos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora.

Em estudo realizado por Gerhardt et al. (2008) com adolescentes de escolas públicas do município de Canoas, Rio Grande do Sul, o resultado foi semelhante ao verificado no presente trabalho, visto aferir que 20,8% dos discentes desconheciam outras DSTs, excetuando a SIDA. Os autores ainda afirmam ser importante lembrar que o fato dos alunos conhecerem uma doença pode apenas significar ter ouvido falar ou visto em campanhas; sendo que, muitas vezes, estes conceitos podem não ser bem esclarecidos, e propõem como alternativa o desenvolvimento de um programa de esclarecimento entre os adolescentes, quer seja na escola ou na comunidade (GERHARDT et al., 2008), o que é confirmado por Carleto et al. (2010) que afirmam que apesar dos adolescentes saberem citar algumas doenças sexualmente transmissíveis, isso não significa que eles saibam se proteger do contágio. De acordo com Paiva et al. (2008), mais importante que saber nominar as DSTs, seria conscientizar os adolescentes sobre as formas efetivas de prevenção.

As doenças mais conhecidas pelos discentes, com exceção da SIDA, foram a sífilis e a gonorréia em primeira instância, mesmos resultados obtidos por Gerhardt et al. (2008) e Brêtas et al. (2009), no entanto, o percentual de conhecimento obtido por esses trabalhos (entre 60% e 70%) foi muito superior aqueles obtidos no presente estudo (entre 35% e 40%), indicando que o tema DSTs deve ser mais trabalhado.

Conclusão

Com base na pesquisa realizada no *Campus* Juiz de Fora, pode-se concluir que um número significativo dos jovens afirma conhecer uma variedade de DST's além da SIDA, como a Gonorréia, Sífilis

e o HPV. Além disso, conclui-se que a maioria dos discentes do ensino técnico integrado não iniciou sua vida sexual, e entre os discentes sexualmente ativos, se mostrou consciente quanto ao uso de preservativos durante a relação. Porém, apesar desses resultados, é preocupante, o percentual de alunos que conhecem apenas a SIDA, além daqueles alunos que não fazem uso frequente de preservativo, o que pode torná-los mais vulneráveis a gravidez na adolescência e à contração de uma das DSTs. Sendo assim, se faz necessário, que a Instituição promova não apenas aulas teóricas, mas oficinas, palestras, minicursos ou outras atividades extracurriculares sobre sexualidade, que permitam aos discentes dirimir suas dúvidas sem uma exposição pessoal. É recomendável que a Instituição promova ações que permitam aos alunos um maior conhecimento sobre DSTs para minimizar os riscos citados.

Agradecimentos

OS AUTORES agradecem o apoio recebido sob a forma de bolsa de iniciação científica júnior, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste MG – *Campus* Juiz de Fora, pela complementação da bolsa de Iniciação Científica e por disponibilizar a logística para o desenvolvimento da pesquisa. Também agradecem à Aimée Araújo Moreira Miranda, Carolina Gomes de Oliveira e Silva, Gabriel Motta Thimoteo, Lara Fonseca Assis e Higor Kirchermaier Tostes pelo apoio na realização de parte deste projeto de pesquisa.

Abstract: As adolescence is the period of greatest risks in which young people are exposed to unplanned pregnancy and contracting sexually transmitted diseases (STDs), the aim of this study was to detect the vulnerability of high school students integrated with the IF Sudeste MG - Juiz de Fora Campus by assessing their knowledge of the sexually active universe, discovering the frequency of condom use and knowledge of STDs. This study forms part of the project "Health and Sexuality at the IF Sudeste MG - Juiz de Fora Campus: An in-depth analysis of students' thinking and behavior" and was conducted in partnership with the Biology and Humanities laboratories at the IF Sudeste MG - Juiz de Fora Campus in June 2014 through application of a questionnaire to the 18 classes of the six technical secondary education integrated courses at the IF Sudeste MG - Juiz de Fora Campus. This analyzed the following four issues: Have you had a sexual experiences?; With what frequency do you use a condom?; Apart from Acquired Immuno-Deficiency Syndrome (AIDS) do you know of any other sexually transmitted disease?; Apart from AIDS, name the other sexually transmitted diseases you know of. The universal sample was composed of 436 students. The majority of these students, 72%, reported that they were virgins, while 28% reported being sexually active, of whom 84% reported always or frequently using a condom during sex, while 6% rarely or never did. The most commonly known STDs among the students, apart from AIDS, were syphilis, gonorrhoea, genital herpes and HPV. However, 20% of students were not able to list other STDs, with this percentage rising among students in the first year. In spite of these results, the percentage of students who had only heard of AIDS was concerning, as was the percentage of students who did not make frequent use of condoms, making them more vulnerable to unplanned pregnancy and contracting STDs. It is recommended that the Institution promote actions raising students' awareness of STDs in order to minimize the above-mentioned risks.

Keywords: *Sexuality, Adolescent, Risk*

BIBLIOGRAFIA

BESERRA, E.P., ARAÚJO, M.F.M.; BARROSO, M.G.T. Promoção da saúde em doenças transmissíveis – uma investigação entre adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.19, n.4, p. 402-407, 2008.

BRASIL. PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 13. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acessado em: 03/02/2017.

BRÊTAS, J.R.S.; OHARA, C.V.S.; JARDIM, D.P.; MUROYA, R.L. Conhecimento DST/ AIDS por estudantes adolescentes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 551-557, 2009.

CAMARGO, B.V.; BOTELHO, L.J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.41, n.1, p.61-68, 2007.

CARLETO, A.P.; FARIA, C.S.; MARTINS, C.B.G.; SOUZA, S.P.S.; MATOS, K.F. Conhecimentos e Práticas dos Adolescentes da Capital de Mato Grosso quanto às DST/Aids. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Rio de Janeiro, v.22, n.4, p.206-211, 2010.

GERHARDT, C.R.; NADER, S.S.; PEREIRA, D.N. Doenças Sexualmente Transmissíveis: conhecimento, atitudes e comportamento entre os adolescentes de uma escola pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 3, n.12, p.257-270, 2008.

JARDIM, D.P.; SANTOS, E.F. Uso do preservativo masculino por adolescentes no início da vida sexual. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 37-44, 2012.

MALTA, D.C.; SILVA, M.A.I.; MELLO, F.C.M.; MONTEIRO, R.A.; PORTO, D.L.; SARDINHA, L.M.V.; FREITAS, P.C. Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.14, n.1, p.147-156, 2011.

MUÑOZ, S. A.; BERTOLOZZI M.R. Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em Saúde Coletiva? **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p.319-24, 2007.

PAIVA, V.; CALAZANS, G.; VENTURIL, G.; DIAS R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.42, n.1, p. 45-53, 2008.

REVISTA DA COMISSÃO INTERGOVERNAMENTAL HIV/AIDS DO MERCOSUL. **Aids/ HIV no Mercosul**, 2015. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58585/revista_mercosul_pdf_19164.pdf . Acessado em: 20/06/2016.

SILVEIRA, R.E.; SANTOS, A.S. Contextos de vulnerabilidade entre adolescentes do ensino fundamental de Uberaba/MG. **Enfermagem em Foco**. Brasília, v.3, n.4, p.182-185, 2012.

VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss conciso da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Moderna, 2011, 979p.